

## **27 de julho de 2020, o Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora tece 123 anos de história**

Na epidemia de febre Amarela de 1889, o cônego João Baptista Correa Nery dedicou-se aos enfermos, no combate à doença e nos serviços religiosos. Vitimado pelo terrível mal, convalesceu-se com o empenho do dr. Ângelo Simões. João Nery, auxiliado pela mãe, Maria do Carmo, recolheu em sua casa alguns órfãos, depois acolhidos no *Lyceo de Artes e Officios*.

Maria Umbelina Alves Couto, esposa do fazendeiro, Antônio Francisco Andrade Couto, destemida e de sensibilidade rara, idealizou a criação de uma instituição para os órfãos. Enfrentando época, em que era negado à mulher sair à rua desacompanhada, Umbelina iniciou a campanha em busca de recursos e recebeu o apoio irrestrito de João Nery, cujos nomes ficaram inscritos, para sempre, na história do *Lyceo de Artes e Officios*, em 27 de julho de 1897, hoje, Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora.

Para a consecução do projeto o caminho foi longo. Campinas mobilizava-se e uma área de 44.443 metros quadrados, no Guanabara, foi doada pelos barão e baronesa Geraldo de Resende e casal Francisco e Amélia Leopoldina Bueno de Miranda. No ápice da epidemia, o Diário de Campinas, de 9 de março de 1889, noticiava que, no alto do Guanabara, instalara-se um lazareto para isolar os amarelentos aos cuidados do dr. Alves do Banho. Um fio telefônico direto do lazareto ao cemitério do Fundão agilizava os sepultamentos noturnos para evitar contágios, pois desconhecia-se ser o mosquito *Stegomya fasciata* o vetor da doença. Julgava-se que os miasmas - gases emanados dos cadáveres - poderiam ser os responsáveis pela contaminação da febre amarela.

No evento da Pedra Fundamental, o Correio de Campinas, de 9 de outubro de 1892, noticiou artigo de Maria Umbelina, citando-se pequeno trecho: *“Esta instituição é de utilidade transcendental e prática de tão alto alcance que não admite contestação, [...], pois antes de servir como amparo aos infelizes órfãos que desvalidos esmolam o pão da caridade, será também uma escola, onde esses infelizes vão receber o pão do espírito, a instrução primária e elementar e a instrução profissional das artes e ofícios úteis, conquistando uma profissão honesta”*.

Em maio de 1897, Dom Nery, sagrado bispo para o Espírito Santo, decidiu inaugurar o *Lyceo de Artes e Officios*, em 27 de julho de 1897, entregando-o à congregação salesiana aos cuidados do Pe. Alexandre Fia Musso e do clérigo Hortêncio Germano, vindos de Turim. Campinas assistiu à memorável festa, com presença de autoridades civis, religiosas e comissão do Liceu de São Paulo. Dois corações inundaram-se de júbilo, o de Umbelina e o de Dom Nery, pelo coroamento do projeto dessa casa de educação e ensino.

Em 1898, inauguraram-se as oficinas profissionalizantes de tipografia, carpintaria, alfaiataria e sapataria, com 83 jovens: órfãos e filhos de imigrantes, de ex - escravos,

de colonos... Manuseavam máquinas, recebiam instrução elementar, aulas de música e catecismo. Em 1909, as oficinas passaram ao Externato São João e o *Lyceo de Artes e Officios* passava a denominar-se Liceu Salesiano Nossa Sra. Auxiliadora. A Escola Agrícola, idealizada pelo Pe. Luiz Gonzaga Giudice, constituiu-se, em 1912, como Associação Agrícola de Educação e Assistência, presidida por Dom Nery e o curso agrônômico destinava-se, em especial, aos órfãos.

Famílias de Campinas e de outras regiões, comungando a educação salesiana, matriculavam os filhos no Liceu que passou por transições pelo fluir do tempo e reformas de ensino. A educação pelo sistema preventivo de Dom Bosco visava formar “bons cristãos e honestos cidadãos” com cultivo do tripé: razão, religião e “amorevolezza” (bondade). A rotina exigia disciplina: às 6h, o assistente batia palmas e dizia “*Benedicamus domino*” e os alunos levantavam-se e respondiam “*Deo gratias*”. Após o banho frio, vestiam-se, preservando o pudor, cobrindo o corpo com um cobertor preso entre os dentes. Desciam em fila para a missa. Seguiam aulas, estudos e recreios vigiados, evitando-se amizades particulares. Às 19h30, mensagem de boa-noite e dormir em silêncio. Aos domingos, missa, esportes, teatro, filmes sem beijos.

Em 1916, introduziu-se no currículo a instrução militar e o uniforme passou a ser a farda. Em 07 de setembro de 1917, o exímio batalhão de fanfarra do Liceu desfilou, em marchas cadenciadas no Rio de Janeiro, perante o Ministro da Guerra, José Caetano Faria, e do Presidente da República, Venceslau Brás, executando evoluções de pirâmides humanas com rigorosa precisão, fato noticiado pela imprensa fluminense.

Em 1975, findou o internato e, em 1985, o Liceu recebeu meninas. Novos tempos. Quantos ex-alunos inscreveram os nomes na história do Liceu! Mons. Emílio José Salim, Mons. Luiz de Abreu, José Roberto Magalhães Teixeira, Roque Balbo, Nyder Otero, Antônio Prado Fortuna, Rogério de Jesus Pedro, Arlindo Jacob, Nenthalla Andery, José Roberto Amaral Lapa, Francisco Resek, Aníbal Lemos Couto... O ator Tarcísio Meira ao receber o livro de minha lavra, “Arcadas do Tempo: o Liceu tece cem anos de história”, revelou-me que fora interno aos 10 anos e, certo dia, sorratamente, com a bicicleta do padre Prefeito cortou a Escola Agrícola até à Lagoa do Taquaral e molhou-se ficando com a roupa colada ao corpo para contrair gripe pois, na enfermaria, o banho era quente e os cuidados do médico abrandavam a saudade de sua casa.

E assim caminha o Liceu há 123 anos.

**Ana Maria Melo Negrão**

Vice-Presidente da Academia Campinense de Letras.